



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades.

Sub-eixo: Ênfase em Gênero.

TEOLOGIA FEMINISTA: UM DEBATE A PARTIR DE CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR – BRASIL – CDD

Giovana do Prado Machado Rosa¹
Onilda Alves do Carmo²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar o debate sobre o Feminismo, Ecofeminismo e Teologia Ecofeminista, a partir da Entrevista realizada com Regina Soares Jurckwicz, que é da coordenação do Grupo Católicas pelo Direito, e com a Assessora Leticia Lopes. A entrevista faz parte dos procedimentos metodológicos do Projeto de Pesquisa “Movimentos feministas populares e sua relação com a igreja católica: uma aproximação com o debate da teóloga feminista Ivone Gebara”, financiado pela FAPESP, para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.”

Palavras-chave: Católicas, Feminismo, Teologia Ecofeminista.

Abstract: This Article aims to present the debate on Feminism, Ecofeminism and Ecofeminist Theology from the interview with Regina Soares Jurckwicz that is coordinated by the Catholic Group for Law and with the Leticia Lopes assessor. The interview is part of the methodological procedures of the Research Project “Popular feminist movements and their relationship with Catholic Church: na approach with the debate of feminist theologian Ivone Gebara”, funded by FAPESP, to obtain a bachelo’rs degree in Social Serve.

Keywords: Catholics, Feminism, Ecofeminist Theology.

Introdução

No Brasil, o debate sobre a Teologia Feminista está presente nos movimentos de mulheres, ligados à Igreja Católica e às Igrejas de Tradição Protestante³, desde os inícios dos anos 90.

Esse debate, iniciado no interior do grupo de teólogos e teólogas que, naquele momento, constituíam os/as construtores/as da Teologia da Libertação, mas que, por divergências, sobre visões e concepções diferentes, sobre qual o lugar da mulher e de suas demandas por direitos na Igreja e na Teologia. Para Gebara (1995), “Os teólogos estavam muito mais preocupados com as mudanças macrossociais e políticas no

¹ Estudante de Graduação. Universidade Estadual Paulista - Campus Franca. E-mail: <gipmrosa@hotmail.com>.

² Professor com Formação em Serviço Social. Universidade Estadual Paulista - Campus Franca. E-mail: <gipmrosa@hotmail.com>.

³ A Teóloga feminista, ligada à Igreja Metodista Nanci Cardoso Pereira é uma das expoentes da teologia feminista no seio do protestantismo clássico.

continente inteiro da América Latina, do que com as questões culturais de gênero e raça, por exemplo” (GEBARA, 1995, p. 137).

Com a criação do Grupo Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) - Brasil, em 1993, esse debate ganhou força e ocupou outros espaços, tais como, os movimentos de mulheres independentes e os movimentos feministas. Nos grupos de mulheres formados a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As CEBs, movimento organizado a partir da Teologia da Libertação não ganhou força⁴.

A Teologia Feminista que, no limite, expressa a crítica à Teologia clássica e, também, à Teologia da Libertação, se propõe a colocar no centro de sua construção os direitos das mulheres, sejam elas católicas, protestantes ou ateias. Para Gebara (2006) a dignidade feminina deve ser o centro da reflexão teológica feminista. Esse debate, no entanto, evoluiu para um debate ainda mais radical que é a Teologia Ecofeminista.

Católicas Pelo Direito de Decidir – CDD Brasil

O Grupo Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil, coordenado por um grupo de mulheres, teólogas, sociólogas, assistentes sociais, psicólogas, biblistas, cientistas sociais, coloca na pauta da sociedade e, claro, das igrejas, o debate de temas importantes que tratam da vida das mulheres. Esses temas, quase sempre se contrapõem aos dogmas, verdades e/ou tabus. Contudo, por ser um grupo organizado internacionalmente e que possui certa autonomia, continua atuante.

Para além da organização institucional, o Católicas se constitui como um movimento formado por mulheres militantes nos diversos movimentos sociais. Se organiza como um movimento político, que se articula em vários países. Na América Latina, estão organizados na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia e México.

Católicas pelo Direito de Decidir Brasil, criada em 1993, por mulheres que já participavam dos debates sobre relações de gênero e que militavam em movimentos sociais, ONG's ou teólogas que ministravam aulas em faculdades e seminários, como foi o caso de Maria José Rosales Nunes, doutora em Ciências da Religião e Professora na PUC/SP, e Ivone Gebara, que, além de Teóloga, é doutora em Ciências da Religião e professora.

⁴ Sobre esta questão, trataremos mais ao final do artigo.

No grupo de sócias fundadoras, estava também Regina Soares Jurckewicz⁵, que coordenou por mais 15 anos o Curso Latino-americano do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP)⁶.

Quase todas as mulheres que fundaram o Grupo nos anos 1993, de alguma maneira, pertenciam a grupos ligados à Teologia da Libertação. Ivone e Maria José compunham o grupo dos/as teólogos/as⁷ da Teologia da Libertação.

O grupo Católicas pelo Direito de Decidir – Brasil, ao longo de sua existência, deu importante contribuição também em outros temas de interesse das mulheres. Uma das pautas bastante significativas é a questão dos direitos reprodutivos - a defesa da discriminação do aborto e autonomia das mulheres. Essas pautas, segundo Jurckewicz⁸, tem provocado a reação de parte da hierarquia das igrejas e de movimentos conservadores. De 2004-2007, Católicas do Brasil contribuiu amplamente com o debate sobre a legalização do aborto. Para subsidiar o debate foi preparado material informativo e formativo⁹.

Também foram realizadas oficinas sobre essa temática em vários estados, que culminou com a publicação de um livro, por título “Em defesa da vida: aborto e direitos humanos”.

O projeto previu ainda a organização de um livro para subsidiar o diálogo sobre a problemática do aborto com os segmentos considerados estratégicos – profissionais do direito, da saúde e parlamentares – intitula-se *Em defesa da vida: aborto e direitos humanos*. Essa publicação reúne a colaboração de profissionais qualificados e de renome que revelam publicamente sua posição favorável à mudança da legislação punitiva do aborto. Cita-se aqui Ennio

⁵ Regina faz parte do grupo de sujeitos que compõe o universo da pesquisa.

⁶ CESEP um centro de formação latino-americano, fundado no início dos anos 1980 para oferecer cursos de formação para agentes de pastoral e militantes cristãos ou não. Participaram em seus cursos militantes engajados/as nas lutas revolucionárias de toda a América Latina, e especial Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Cuba, Chile, Argentina, entre outros. IN: https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_enBR810BR810&ei=2J0PXe3KLbTY5OUPpeahuAY&q=cesep+centro+ecum%C3%AAnico+de+servi%C3%A7os+%C3%A0+evangeliza%C3%A7%C3%A3o+e+educa%C3%A7%C3%A3o+popular&oq=cesep+centro+ecumenico&gs_l=ps-y-ab.1.0.0i22i30.32312.37829..41137...0.0..0.152.1858.1j16.....0....1..gws-wiz.....0i71j0j0i10j0i22i10i30j33i21j33i160.ISW9aJPU7WQ. Disponível em 03/06/2019. Acesso em 03/06/19.

⁷ Além delas, haviam também outras mulheres teólogas, que traziam uma perspectiva distinta na sua construção teológica: buscavam o resgate das mulheres na bíblia (Ivone, 2006). Enquanto a teologia feminista que fazia Ivone era mais crítica, pois questionava a visão patriarcal de Deus.

⁸ Informação dada durante Entrevista, realizada em 11 de junho de 2019.

⁹ Para subsidiar a reflexão e a atuação multiplicadora do público-alvo, preparou-se um *kit* Legal composto de uma revista em formato de história em quadrinhos (*A escolha tem que ser dela*), um CD contendo *spot* para rádio (*Conversando sobre a legalização do aborto*), um vídeo (*Aborto: um tema em debate*) e um guia (*Aborto um tema em debate – guia para discussão*), que incluía um roteiro de discussão, textos com argumentação contundente sobre as implicações éticas e religiosas do aborto e sobre a relação entre legislação sobre aborto e democracia” (OLIVEIRA, 2009).

Candotti, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) quando de seu lançamento, Marco Segre, professor de bioética da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), a desembargadora Maria Berenice Dias, o juiz Roberto Lorea, Daniel Sarmento, Procurador da República no Rio de Janeiro, o teólogo Leonardo Boff, Rafael Gollop, especialista em medicina fetal, e Zenilda Bruno, diretora do Hospital e Maternidade Escola da Universidade Federal do Ceará, entre outros (OLIVEIRA, 2009, p. 14)

Como instituição articulada a outras organizações de mulheres católicas em vários países, a atuação de Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil se dá, também, na articulação com outros movimentos feministas. Juntos lançaram a campanha pela sanção do PLC 3/2013¹⁰, um projeto de lei que torna obrigatório o preparo de todos os hospitais públicos para prestarem atendimento de emergência integral e multidisciplinar a mulheres vítimas de violência sexual.

O Grupo de Católicas - Brasil define-se como ONG que, apoiada na prática e na teoria feminista, busca promover mudanças em nossa sociedade, especialmente nos padrões culturais e religiosos¹¹.

Nossas atividades são direcionadas para as mulheres, jovens, LGBTs, negras, pois acreditamos ser essencial o fortalecimento destes grupos sociais, sejam eles organizados ou não, para que possamos construir uma sociedade plena de direitos e livre de preconceito e violência. Nos dedicamos à promoção da cidadania e do reconhecimento dos direitos sexuais e direitos reprodutivos como direitos humanos.

Não estamos sozinhas nesta luta! Há outras Católicas pelo Direito de decidir no mundo! Elas estão na América Latina, nos EUA e na Europa. Todas trabalhamos de forma articulada com os mesmos propósitos¹².

Entre os objetivos de Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil estão entre outros:

Contribuir com a construção do discurso ético-teológico feminista pelo direito de decidir que defenda a autonomia das mulheres, a diversidade sexual, a justiça social e o direito a uma vida sem violência;
Conscientizar a sociedade de que a experiência humana da sexualidade e da reprodução de todos e todas deve ser reconhecida, respeitada e vivida de forma autônoma e livre [] trabalhar pela aprovação e efetiva implementação

¹⁰ O referido projeto foi aprovado e transformado na Lei nº 12.845 de 01/08/2013. Disponível em 02 de junho de 2019. In: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/111416>. Disponível em 02/06/19. Acesso em 02/06/19.

¹¹ Católicas pelo Direito de Decidir foi fundada no Dia Internacional da Mulher de 1993. A ONG apoia-se na prática e teoria feministas para promover mudanças em nossa sociedade, especialmente nos padrões culturais e religiosos. As religiões são profundamente importantes na história, cultura e imaginário social, portanto influenciam nosso cotidiano, comportamento e decisões. Consideramos que as religiões devem ajudar as pessoas a terem uma vida digna e saudável, e não dificultar sua autonomia e liberdade, especialmente em relação à sexualidade e reprodução. Por isso, lutamos pela laicidade do Estado que deve ser livre da interferência religiosa na criação e condução das políticas públicas.

Site Católicas pelo Direito de Decidir: <http://www.catolicasonline.org.br/>. Disponível em 15/06/19. Acesso: 15/06/2019.

¹² Idem.

de leis, políticas públicas e serviços necessários à plena cidadania das mulheres, jovens, LGBTs, negras e negros¹³

Nas atividades desenvolvidas por Católicas - Brasil pode-se destacar: forte presença no Congresso Nacional, quando se faz necessária a interlocução com Deputados e Senadores, na defesa de pautas que discutem os direitos das mulheres, particularmente, os direitos reprodutivos; diálogo com movimentos sociais, entidades de classe e organismos internacionais como ONU e OEA; e, além dessas atividades, o Grupo organiza cursos, oficinas, assessorias, seminários, além da formação de um grupo de mulheres multiplicadoras que se organizam na Rede de Multiplicadoras Católicas. Muitas dessas multiplicadoras passaram a compor um grupo de ativistas organizadas nos movimentos que levam a pauta dos direitos reprodutivos e, dentro disso, o debate sobre o aborto.

Neste artigo, estamos apresentando algumas considerações da apreensão feita até o momento sobre o Feminismo, Ecofeminismo e Teologia Ecofeminista, como contribuição para o debate.

Feminismo e Ecofeminismo.

Feminismo é um paradigma histórico, crítico e particular que não se limita ao discurso de filósofos ou antropólogos, que constata apenas as funções do homem e da mulher em determinadas sociedades, espaço e tempo, mas reflete e percebe as relações de gênero como construções desiguais, favorecendo o lado do homem branco e heterossexual, nas relações de poder, interesse e dominação, enquanto subordina, violenta e subestima o valor da mulher. Em contrapartida a um sistema sexista, machista, misógino e patriarcal, o movimento feminista classista luta pela cidadania, dignidade e direito das mulheres, por uma sociedade justa e que tenha equidade, buscando uma nova sociabilidade, que ultrapasse os limites do capitalismo.

Estou falando do direito ao voto, do direito ao estudo universitário, do direito a um salário, igual, do direito à aposentaria igual ao homem, do direito a possuir terá, do direito de ter condições de acordo com a situação das mulheres operárias, das creches para as crianças. Isso significa uma postura feminista. O movimento feminista, significa um movimento social e político, uma postura em relação ao direito das mulheres (GEBARA,2001, p.14).

O feminismo é também uma filosofia que deve existir dentro qualquer movimento social, sendo uma visão de mundo que considera a relação de homens e mulheres questionando a realidade concreta, na ordem societária vigente, sobre direitos e igualdade. Entretanto, é aos poucos que se avança no debate de gênero, como no movimento dos trabalhadores sem-terra (MST), que só refletiu e entendeu a importância

¹³ Idem.

da questão de gênero, quando as mulheres reivindicaram a educação como bandeira do MST e o seu papel na luta pela terra, a partir disso foi incorporado o setor de educação com as escolas itinerantes (escolas do acampamento) e escolas do campo (no assentamento) e, depois, o setor de gênero, inclusive foi através dele que as mulheres conquistaram o espaço da liderança, ou seja, todas as lideranças tem mulheres e homens.

As companheiras do movimento das mulheres trabalhadoras rurais sabem o quanto é difícil a reivindicação feminista nos movimentos. Sabemos o quanto as mulheres do MST padecem e ainda buscam uma formação que lhes permita vivenciar sua identidade de mulheres, de igual para igual. O movimento de luta pelos direitos das mulheres é um movimento absolutamente novo. Começou a entrar nos movimentos populares no Brasil, na década de 80. (GEBARA, 2001, p.14).

A mulher tem a necessidade de afirmar o tempo toda sua liberdade, seu nível de igualdade, capacidade e inteligência, afinal, em todo os momentos e esferas, como em sindicatos, são colocadas de lado, sendo desrespeitadas e tendo suas ideias, opiniões e concepções desprezadas pelos homens. Segundo Gebara (2001), reagem como se as melhores maneiras de se pensar o social fossem as maneiras masculinas.

Os homens se veem na universalidade, enquanto são particularidades, no meio de um universo de diversidade de identidades, interesses, situações, historicidade e culturas diferentes.

Você pensa a partir de uma educação que lhe foi proposta e importa! Essa é uma dificuldade que os homens têm: não pensam como indivíduos particulares, se pensam como indivíduos universais, que se pensam a partir de categorias abstratas que acreditam serem validas para todo mundo. (GEBARA, 2001, p. 17)

Ao pensarmos no âmbito religioso, os teólogos tiveram dificuldades em aceitar uma teologia feita por mulheres, acreditando que teologia só é teologia se produzida por homens. Para Gebara (2001), a religião no mundo católico é a identidade masculina celibatária, e essa pensa o mundo de todas as outras identidades masculinas e de todas as outras identidades femininas. É preciso repensar esse conceito e partir do pressuposto que toda teologia feita é válida.

A simbologia religiosa cristã que construímos ao longo de séculos e que se mostrou tanto na literatura quanto na arte religiosa e nas instituições sociais foi objeto de constante educação de nossas emoções. O feminismo teológico, longe de querer ser iconoclasta e de instaurar-se como pensamento único, chama a atenção para a construção e necessária desconstrução dessas cordas que atam muitas pessoas, sobretudo mulheres, a forças imaginárias que escravizam e iludem. (GEBARA, 2017, p. 65)

As mulheres são consideradas e subjugadas mais próximas da materialidade da vida, ligadas, principalmente, às atividades domésticas e cuidado da família, enquanto os homens foram considerados mais próximos do espiritual, do abstrato, do racional, do

imaterial, naturalizando as funções sociais. Ao considerar a dominação patriarcal, diversas feministas fizeram conexões entre dominação da mulher e dominação da natureza, trazendo uma nova perspectiva, o ecofeminismo, que nasce com a consciência de que são as mulheres que tem mais se ocupado com a família, vítima de desastres ambientais provocados pelos progressos capitalistas liderados por homens.

A dominação das mulheres pelo sistema patriarcal presente na maioria dos lugares do mundo e a dominação da natureza, especialmente pelo capitalismo, mostram uma reação de controle e domínio por parte dos homens. Assim como as mulheres, a natureza ou a physis, o mundo material que nos envolve, são vistos pelo capitalismo como “coisas úteis” ou objetos de consumo ou exploração para a manutenção do sistema hierárquico masculino. Todas as coisas subalternas ou inferiores devem se submeter ao poder dominante. (GEBARA, 2017, p.41)

O ecofeminismo se expressa em três linhas de pensamento: o clássico, construtivista e libertário.

- 1- O Ecofeminista clássico se refere à essência feminina como oposta e complementar à essência masculina, ou seja, afirma o feminino como protetor e, o masculino, como agressivo e conquistador, considerando que ambos estejam presentes igualmente na sociedade. Porém, acredita que a feminina é mais representativa nas mulheres.
- 2- O construtivista acredita que as relações humanas são construídas a partir de estruturas sociais, políticas e culturais. Com isso, não tendo sentido relacionar as mulheres com a natureza, apenas pensar nas desigualdades de gênero a partir da divisão social do trabalho, da má distribuição de poder e da acumulação de propriedade, que, conseqüentemente, permite maior atuação e protagonismo masculino nas relações e atuação pública.
- 3- Ecofeminismo libertário, que é uma das bases da teologia Ecofeminista, acredita na necessidade de se libertar das amarras dos estereótipos de masculino e feminino e buscar novas relações humanas e igualitárias, no cuidado com a natureza e o exercício de poder. Ou seja, visa desconstruir papéis de gênero socialmente construídos, simbologias, comportamentos culturais e religiosos que fortalecem a relação de poder patriarcal e machista.

O ecofeminismo se constitui em uma teoria crítica que se propõe a uma interpretação do mundo, com vistas à sua transformação, trazendo uma abordagem interdisciplinar e pluralista a partir de experiências concretas como o desenvolvimento exterior às instituições oficiais de reprodução das igrejas e possibilidades de uma verdadeira autonomia das mulheres incluindo seus corpos e sexualidade (GEBARA, 2017,p.81).

Teologia Ecofeminista.

Dentro do ecofeminismo, deu-se a teologia ecofeminista, que traz a junção da luta por direitos iguais e justos, entre ambos os sexos, e uma nova perspectiva sobre a moral católica, o poder da hierarquia e a superação da visão machista, que persiste na instituição, evidenciando as violências de gênero que ocorrem nesse espaço e seus enfrentamentos.

Na interlocução dos movimentos feministas populares e da teologia ecofeminista da qual Gebara¹⁴ é uma das maiores expoentes, em seus debates, evidenciam a hierarquia masculina, heterossexual, sexista e patriarcal da igreja católica e traz consigo a clareza de como os assuntos conversam entre si.

O conhecimento teórico das produções feministas é enriquecedor e cheio de particularidades que abrem reflexões e críticas fundantes para o aprofundamento da teologia feminista, que questiona as práticas autoritárias, abuso do poder e protagonismo masculino na instituição religiosa, trazendo o debate das relações de gênero para todos os âmbitos, inclusive, para a moral católica apostólica romana.

Entretanto, na entrevista feita com as católicas pelo direito de decidir, foi constatado nos relatos, que a teologia feminista, apesar de ser exatamente importante, de fácil leitura e entendimento, ainda não chega às camadas mais empobrecidas da população: apenas as mulheres que tem envolvimento acadêmico, tem contato direto essa nova forma de pensar teologia.

Essa ideia de teologia feminista é para um grupo restrito, ela não é para a periferia, ela é algo elitizado sabe? Quem alcança essa teologia não é as mulheres, as Marias, as Joanas que estão dentro das comunidades junto ao padre. Essa teologia encontra as acadêmicas né, quem está no âmbito da academia, que é as católicas, que são pessoas que tão pensando teologia, porque as bases mesmo, isso é uma inquietação minha, eu acho que é uma teologia de uma grandeza muito grande, o que ela traz pra vida das mulheres, porém ela não alcança a vida dessas mulheres. (Ativista das católicas pelo direito de decidir, 2019)

¹⁴ Ivone Gebara, teóloga ecofeminista e freira, começa sua vida religiosa com 22 anos quando entra para congregação das irmãs de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho em 1967. Desde seu ingresso na vida religiosa, se formou em Doutora em filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e doutora em ciências religiosas pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Na área profissional, atuou como discente no Instituto de Teologia de Recife, durante 17 anos, até sua dissolução em 1999, decretada pelo Vaticano. Desde então, seu tempo é dedicado a escritos, cursos e palestras sobre teologia feminista, novas referências éticas e os fundamentos religiosos e teólogos do discurso religioso. Como referência de feminista cristã, seus livros e artigos foram publicados e traduzido em 3 línguas, além do português: espanhol, francês, inglês e alemão. (MASSUELA. Amanda. **Uma rebelde no rebanho**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/uma-rebelde-no-rebanho/>>. Acesso em 31/10/2018.)

Segundo Jurckewicz¹⁵ (2019), as mulheres assumiram o discurso e prática da teologia da libertação¹⁶ e relativizaram a teologia feminista. Ou seja, enquanto a teologia da libertação ganhou força, porque estava nos púlpitos da igreja, nas homilias, grupo de jovens, a teologia feminista estava nos cursos de verão, nas universidades, sem conseguir adentrar ao universo católico pelas vias de fato. Por essa razão, apesar da teologia feminista contemplar as mulheres pobres, a teologia da libertação, que faz apenas o recorte de classe e continua perpassando pela hierarquização patriarcal, tem maior aderência, porque são homens que discutem sobre; é o masculino que faz a teologia da libertação, em sua maior parte, e são homens que a disseminam e minam a propagação da teologia feminista.

Considerações finais

Foi possível identificar os desafios para a construção da Teologia Ecofeminista, através da pesquisa bibliográfica, documental e na entrevista realizada com a coordenação de Católicas, sendo presente sua radicalidade em propor a igualdade entre homens e mulheres e o questionamento à moral cristã, a partir da própria pertença à igreja, num claro desafio às estruturas hierárquicas das igrejas.

Vimos que o papel desempenhado pelo Grupo Católicas pelo Direito de Decidir tem sido de grande importância, não só na difusão dessa proposta Teológica, mas, também, a defesa dos direitos das mulheres, em especial os direitos reprodutivos – o aborto legal e seguro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Cecilia to. **Gênero e violência**. São Paulo: Arte e ciência, 2004.

BARROS, M. **A delicada arte de subverter relações: Ivone Gebara, mística e teóloga da libertação ecofeminista**. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/5176/4330>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

¹⁵ Diretora da equipe de direção ampliada das Católicas pelo Direito de Decidir.

¹⁶ A teologia da libertação é um movimento dentro da Igreja Católica da América Latina e tem como proposta um fundamento teológico construído não a partir de Roma, mas a partir das demandas do povo pobre latino-americano em luta pela sua libertação. Ela surge nos anos de 1960 como forma de enfrentar as situações de injusta sócio, políticas e econômicas e propõe como método de análise da realidade, o método, ver, julgar e agir, entendendo que a libertação dar-se-á pela organização do povo. A teologia entendida como o conhecimento de Deus, na T.L. Deus é apresentado no figura de Jesus Cristo que se coloca como Deus e Homem que luta no meio do povo. Ele é um combatente por causa sociais, dessa forma as lutas populares encontravam uma fundamentação religiosa, ou seja, uma fundamentação teológica que legitimava todos os esforços de criação de relações de justiça e solidariedade.

BELTRÁN, Elizabeth Peredo. **Ecofeminismo, decrecimiento y alternativas al desarrollo**. Disponível em:

<<http://ecofeminismobolivia.blogspot.com.br/2017/03/ecofeminismo.html>>
Acesso em: 3 dez. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BINGEMER Maria clara. Mulher e homem: imagem de Deus (fraternidade e mulher: reflexões em vista da cf – 90). In: BEOZZO (ORG); José Oscar. **Curso de Verão ano III**. 3. ed. São Paulo (SP): Editora Paulinas, 1989.

CAMURÇA, Silvia; Gouveia, tãiane. **O que é Gênero**. 4. ed. Recife/PE: SOS corpo, 2004.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR. **Histórico**. Disponível em:
<http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>. Acesso em: 11 set. 2018.

CAVALCANTI, Tereza. Mulheres e o profetismo no antigo testamento. In: BEOZZO (ORG); José Oscar. **Curso de Verão ano II**. São Paulo (SP): Editora Paulinas, 1988

CESEP – **Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular**. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=cesep+centro+ecum%C3%AAAnico+de+servi%C3%A7os+%C3%A0+evangeliza%C3%A7%C3%A3o+e+educa%C3%A7%C3%A3o+popular&rlz=1C1GCEA_enBR810BR810&oq=CESEP+&aqs=chrome.0.69i59j69i57j0l4.5890j1j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Disponível em:
03/06/19. Acesso em: 10 jun. 2019.

DEL PIORE, Mary; Pinsky, Calo Bassanegi. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo (SP): Editora Context, 2010.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Ed. UEC, 2002. (Apostila).

GEBARA, Ivone. Teologia feminista. In: BEOZZO (ORG); José Oscar. **Curso de Verão ano II**. São Paulo (SP): Editora Paulinas, 1988

GEBARA, Ivone. **O que é teologia**. São Paulo: brasiliense, 2006.

GEBARA, Ivone. **Ecofeminismo: desafios para repensar a teologia**. 3via edições, 2017.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Edições terceira via. 2017.

GOMEZ, J. B.; OROZCO, Y.P. **A teologia feminista de Ivone Gebara**. In *Católicas pelo Direito de Decidir*. 2014.

JURKEWICZ, Regina Soares. **O que querem as Católicas pelo Direito de Decidir?**. Disponível em: <http://catolicas.org.br/biblioteca/artigos/as-catolicas-querem/>. Acesso em 11set. 2018.

KAOS. Països Catalans. **Ecofeminismo, decrecimiento y alternativas al desarrollo**. Disponível em: <http://ecofeminismobolivia.blogspot.com.br/>> Acesso em: 3 dez. 2017.

MARTINELLI, Maria Lucia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 2010.

MASSUELA, Amanda. **Uma rebelde no rebanho**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-rebelde-no-rebanho/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. « **O movimento Católicas pelo Direito de Decidir na América Latina: experiências em prol dos direitos sexuais e reprodutivos** », e-cadernos ces [Online], 04 | 2009, colocado online no dia 01 Junho 2009, consultado a 09 Outubro 2017. URL : <http://eces.revues.org/240> ; DOI : 10.4000/eces.240.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: editora fundação Perseu Abramo, 2007.

ROSADO, Maria José; KISSLING, Frances; HUNT, Mary E. ; GEBARA, Ivone. **10 anos de Católicas pelo Direito de Decidir: Afirmando o Sagrado Direito de Decidir em tempos de Fundamentalismo**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2004.

_____. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Revista Estudos Feministas**, . Florianópolis, v. 14, n.1, jan./abr.2006.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo (SP): editora Fundação Peseu Abrama. março, 2004.

SAFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do Macho**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Violência doméstica ou a lógica do galinheiro**. São Paulo: Moderna, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TEIXEIRA, M.; ALVES, M. E. R. **Feminismo e gênero: desafios para o serviço social**. Brasília: Editorial Abaré, 2015.

TOSTES, Angélica. **O que é teologia feminista?** Disponível em:
<<https://cebi.org.br/2017/09/12/o-que-e-teologia-feminista/>> Acesso em: 31 out.
2018.